

FOLHETOS DE CORDEL NA FORMAÇÃO DE LEITORES: UMA PROPOSTA DE ESCOLARIZAÇÃO LITERÁRIA

Rodrigo Nunes da SILVA
rodrygonunes22@gmail.com
DLA da Universidade Estadual da Paraíba

Linduarte Pereira RODRIGUES
linduarte.rodrigues@bol.com.br
DLA e PPGFP da Universidade Estadual da Paraíba

Resumo: Muito se tem falado sobre a escolarização da literatura, assunto que vem recebendo duras críticas, pelo fato de se usar inadequadamente o texto literário em sala de aula. Diante disso, este trabalho traz uma reflexão sobre a formação do jovem leitor, através de uma proposta de trabalho com folhetos de cordel. Parte do pressuposto de que o cordel enriquece o ambiente de sala de aula, permitindo uma amostra de discursos diversos de valor tanto linguístico quanto literário, sendo uma alternativa de prática pedagógica em aula de língua portuguesa. Para tanto, baseamo-nos nas propostas trazidas pelas OCEM e nas sugestões de Cosson (2009), Martins (2006), Kleiman (1995), entre outros. Observamos que, concernente ao trabalho com a Literatura na escola, os professores encontram desafios, principalmente na atenção dos alunos, que se mostram resistentes para a leitura do texto literário. Por outro lado, o cordel se mostrou alternativa significativa para a formação de leitores. Em nosso estudo, ele permitiu ampliar os conhecimentos linguístico, histórico e cultural, oportunizando uma aprendizagem funcional na aula de língua portuguesa com o texto literário.

Palavras-chave: Ensino de língua. Escolarização da leitura literária. Folhetos de cordel.

1 INTRODUÇÃO

Neste trabalho buscamos fazer uma reflexão sobre cordel como um importante meio de ensino aprendizagem e de se utilizar esse tipo de expressão popular em sala de aula de forma interdisciplinar, tendo consciência das dificuldades apresentadas por parte de professores e alunos no processo de letramento escolar.

Partimos do pressuposto de que a construção do conhecimento, através de um trabalho com o cordel, permite uma aprendizagem funcional, pelo fato da literatura se apresentar no contexto sociocultural como rica fonte de pesquisa linguístico-literário, despertando nos alunos um interesse maior no que diz respeito à aquisição de conhecimentos múltiplos. Levar a Literatura de Cordel até a escola significa oferecer um importante e motivante meio de educação aos alunos. A leitura ou escrita, quando imposta ao aluno, para cumprimento de um programa curricular torna-se prática desestimulante e improdutiva, por muitas vezes ficar distante da realidade e das perspectivas dos alunos.

Diante desse cenário, direcionamos o nosso estudo de forma que pudesse responder a seguinte indagação: Como a literatura de cordel pode contribuir para amenizar o problema do baixo nível de letramento apresentado por grande parte do alunado de escola pública?

Buscando alcançar uma resposta para essa nossa inquietação, desenvolvemos o nosso estudo em turmas do ensino fundamental e médio da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Dr. Trajano Nóbrega, localizada na cidade de Soledade - PB. Apresentamos uma experiência com cordéis através de um projeto interdisciplinar. As ações propostas pelo projeto buscaram adotar uma metodologia inovadora, capaz de despertar nos alunos o interesse em participar das aulas e consequentemente melhorar a aprendizagem, além de investir na autoestima dos alunos, mostrando a importância da inserção de cordéis em sala de aula.

O cordel atualiza temas vários como: sociedade, história, ciência, religião, filosofia, diferenças regionais, sociais e culturais, bem como oferece uma tomada de atenção para os aspectos da variação linguística, o que é confirmado pela constatação de um processo de identificação que se estabelece pela aproximação do leitor local com o folheto de cordel e a linguagem utilizada como expressão/interação dos atores envolvidos no processo de leitura em sala de aula.

Durante muito tempo, a leitura literária foi vista de maneira equivocada, por não haver interesse significativo na busca pela compreensão do texto e seu respectivo contexto. Ler era considerado como um mero processo de decodificação de signos, passando a ser visto como um ato totalmente desprovido de significado para o aluno, e dessa maneira, não se formava um leitor proficiente, crítico que pudesse ser capaz de questionar e transformar a sociedade em que estivesse inserido.

O ensino de literatura (tradicional) há muito tempo vem sendo pautado na contemplação das obras eruditas estabelecidas pelo cânone, deixando de lado, muitas vezes, as manifestações populares, valorizando por muitos séculos uma literatura letrada. Não queremos aqui desprezar esta prática, pelo contrário, buscamos enriquecer esta área trazendo uma possibilidade de reflexão a mais para as aulas de leitura. Por exemplo: se o professor sugerir a leitura de uma obra literária qualquer e pudesse trazer antes um cordel que aludisse à temática desta obra, com certeza haveria alunos mais motivados para efetivação da leitura. Isso se dá na medida em que o cordel tem como marca a presença também do humor, instigando os alunos a uma leitura que proporciona o prazer. Bem como aproxima leitor e autor mediante um processo de identificação pelo discurso que é atualizado pelas práticas de

linguagem enquanto práticas sociais, haja vista ser o cordel um produto cultural da sociedade nordestina.

Como suporte teórico nos apoiamos nas propostas trazidas pelas OCEM e nas sugestões de Cosson (2009), Martins (2006), Kleiman (1995), entre outros.

2 O LETRAMENTO LITERÁRIO E SUA SINGULARIDADE

Podemos dizer que existem diversos tipos de letramento. Assim, podemos falar em letramentos múltiplos e variados. Cosson (2009) afirma que o letramento literário tem uma relação diferenciada com a escrita e por consequência, é um tipo de letramento singular.

A escola é a instituição responsável pela alfabetização dos indivíduos e é a ela que “a sociedade delega a responsabilidade de prover às novas gerações as habilidades, conhecimentos, crenças, valores e atitudes, considerados essenciais à formação de todo e qualquer cidadão” (SOARES, 2001, p. 84). Para se formar leitores não basta que os indivíduos saibam ler, é preciso que eles façam uso dessa habilidade. Daí, o termo letramento incorporar a leitura/escrita não somente como um saber ler e escrever de caráter instrumental, mas, como comenta Bezerra (2000), uma forma de agir e interagir nas práticas sócias como um cidadão atuante na sociedade.

Os alunos, principalmente de escolas públicas, apresentam enormes dificuldades de leitura possivelmente devido a herança escolar e a falta de hábito de leitura de gêneros diversos em sala de aula. Muitas pesquisas estão sendo desenvolvidas com o intuito de despertar nos alunos o gosto pela leitura. Adquirir a capacidade de ler significa, sobretudo, a condição de compreender um mundo que vai se mostrando cada vez maior e mais surpreendente. O processo de ensino aprendizagem da leitura é, sem dúvida, muito instigante e desafiador, tanto para o aluno quanto para o professor.

Kleiman (1995), Solé (1996), entre outros estudiosos que atuam com a perspectiva interacionista de leitura, mostram que o texto, em geral, não pode ser visto como um produto acabado e sim como um processo, uma proposta de sentido que se acha aberta a várias alternativas de compreensão, considerando a compreensão de um texto como uma atividade de interação entre o leitor e o autor por intermédio do próprio texto.

Cosson (2009, p.29) afirma que o professor de literatura deve explorar ao máximo, com seus alunos, as potencialidades do texto literário posto em estudo em sala de aula, criando as condições para que o encontro do aluno com a literatura seja uma busca de sentido para o texto literário, para o próprio aluno e para todos que estão inseridos. “É justamente

para ir além da simples leitura que o letramento literário é fundamental no processo educativo”.

Paulino e Cosson (2009, p.66) falam que o letramento literário se inscreve numa base comum de sentido entre o mundo e a leitura crítica da sociedade, em que o aluno é dessa forma capacitado, através do processo de construção de sentidos, a se relacionar com o mundo em que vive. Dessa forma, eles definem letramento literário como “o processo de apropriação da literatura enquanto construção literária de sentidos” (p.67), num processo permanente de transformação em que os conhecimentos produzidos nos acompanharão por toda a vida, se renovando a cada leitura que fizermos. “Não há leituras iguais para o mesmo texto” (*Op. Cit.*, p. 67). Para os autores, o letramento literário envolve tanto a leitura quanto a escrita, pois ambas são parte do mesmo processo de construção de sentidos da literatura.

Ressaltamos que para haver de fato efetivação do letramento literário é necessário o contato direto e constante com o texto literário e o dever da escola e do professor é proporcionar lugar, tempo e oportunidade para que esse contato se efetive.

3 FORMAÇÃO DE LEITORES: PERSPECTIVAS PARA A *ESCOLARIZAÇÃO* ADEQUADA DA LITERATURA

O ensino de literatura passa atualmente por um conjunto de problemas que devem ser repensados em nosso país. Essa disciplina caracteriza-se pela pluralidade de sentidos, em que o texto literário configura-se diferentemente a todo o momento, assumindo um caráter interdisciplinar, e ao mesmo tempo, independente, além de funcionar como um instrumento civilizador que conserva valores universais. O discurso literário se mostra diferente de outros discursos pelo fato de ser menos pragmático e de pouca aplicação prática.

A leitura literária é de fundamental importância para aquisição de novos saberes, ajudando na compreensão da realidade dos alunos. Seu processo busca subsídios para a formação de leitores, que sejam capazes de criarem seus próprios significados diante do texto literário, reconstruindo seus pensamentos através de suas experiências pessoais, o que proporciona a inclusão e melhoria na formação social do aluno.

Para muitos alunos, a literatura pode ser agradável e prazerosa; já outros não conseguem enxergar sentido na leitura dos textos literários preferindo assistir televisão, ouvir música, fazer outras atividades que exija menos esforço na compreensão. A experiência da leitura é uma tarefa árdua quando a praticamos para preencher fichas de leitura, responder exercícios ou como pretexto para trabalhar a gramática, atividades sem sentido para o aluno.

Por isso, enquanto professores de língua materna, precisamos repensar nossas práticas tentando valorizar e explorar o vasto campo de leituras que um texto possui, buscando estabelecer pontes capazes de fazer com que os alunos percebam os diferentes sentidos, frutos da união do contexto de escrita e o contexto do leitor, preparando-o para ser um leitor perspicaz que sabe buscar, no texto, sua essência tendo em mente que ler significa interpretar utilizando o conhecimento de outras leituras que já fez. Sendo assim,

[...] o conhecimento e a leitura não são um patrimônio de eleitos, não são a magia de adivinhos ou bruxos, não são uma experiência particular de poucos; mas algo socialmente construído, pela informação e pela observação coletiva partilhada. (AMORIM, 2003, p. 54)

Na rua, em casa, na escola e na sala de aula, é possível ouvirmos pessoas dizendo que não gostam de ler por não terem paciência para isso, ou que não nasceu para ler porque não possui esse dom. Com certeza essas pessoas não compartilham do conhecimento de que a leitura não é um patrimônio apenas de pessoas que foram escolhidas para terem o dom de entender um texto, ou até mesmo não é uma magia de bruxos ou adivinhos, mas é um processo de compreensão e interpretação de significados que consiste em utilizar elementos construídos socialmente como base para a construção do sentido de um texto fruto da experiência vivida em outros momentos de contado com textos orais e escritos produzidos no meio em que vive. Trata-se de fazer ligação de conhecimentos linguísticos e extralinguísticos na construção de uma ou várias leituras cabíveis ao texto.

A autora Ivânda Martins (2006, p.83) diz que “a literatura sofre um processo de escolarização” em que muito se discute sobre o “como trabalhar o texto literário sem torná-lo pretexto para o ensino-aprendizagem de outras questões”. Assim percebemos que muito se tem falado sobre a escolarização da literatura, assunto este que vem recebendo duras críticas, ao se usar inadequadamente o texto literário em sala de aula. Isso acaba sendo mais um desafio para o professor utilizar-se de seus conhecimentos para promover a interação entre autor, texto e leitor, com o intuito de atribuir sentidos ao texto.

Durante muito tempo a literatura foi trabalhada com ênfase no percurso histórico, que enfatizava a relação entre escola literária, autor e obra, o que se constata ainda em muitas escolas em nossos dias. Ensinar literatura dessa maneira não é necessariamente condenável, até faz parte da tradição de nossas salas de aula esse tratamento histórico. O lado negativo dessa tradição acontece quando o professor não leva seus alunos a perceberem essas informações metalinguísticas e extraliterárias presentes no texto. É importante que os alunos tenham contato direto com o texto, e dele possam extrair seus múltiplos significados.

Os textos literários, quando usados adequadamente, sejam na escola ou em casa, além de provocar prazer aos leitores, amplia seu nível de conhecimento porque o monumento literário carrega em si informações de diversas naturezas. Por isso, é possível encontrarmos conhecimentos variados pertencentes a outras áreas do conhecimento num romance, novela, conto, crônica etc. Portanto, podemos fazer uma viagem no tempo, ir a lugares não muito convencionais, conhecer estilos de épocas como costumes, crenças, culturas, modo de falar ou, até mesmo, adquirir conhecimentos que podem nos tornam capazes de expressar nossa opinião sobre a realidade só porque lemos um bom livro.

É indispensável que o aluno compreenda e enxergue esse diálogo que a literatura estabelece com outras áreas de conhecimentos, uma vez que as aulas podem ser mais interessantes se o professor, na construção dos sentidos, estabelecesse pontes entre outros fenômenos da língua portuguesa. A contextualização da época em que foi produzida a obra em estudo também pode enriquecer a leitura do texto que pode ser feita em sala de aula, com o auxílio do professor coadjuvando na compreensão e construção do sentido do texto, não dando uma interpretação já pronta, como diz Martins (2006), mas formulando-a em conjunto com os alunos.

Apesar de possuir um grande valor, no que diz respeito ao desenvolvimento intelectual, profissional e pessoal dos alunos, a literatura é posta apenas no ensino médio e mesmo assim, inadequadamente. Martins (2006) aponta duas formas de abordagem da literatura no ensino médio: o *ensino da literatura* que se preocupa com a organização estética da obra e a *leitura da literatura* relacionada à compreensão do texto literário. As duas abordagens estão (e devem estar) presentes, mas infelizmente, a preocupação com a organização estética do texto literário predomina. “É preciso que a escola amplie mais suas atividades, visando à leitura da literatura como atividade lúdica de construção e reconstrução de sentidos.” (MARTINS, 2006, p. 85). Neste caso, o professor deve assumir uma posição não de transmissor de conhecimento, mas como mediador, orientando, construindo os sentidos do texto numa posição de “co-leitor” com o aluno.

Pensar numa aula de literatura de qualidade que chame a atenção dos alunos é pensar também num professor bem informado que tenha o interesse em despertar nos alunos o gosto pela leitura provocando o contato com obras clássicas ou contemporâneas, visando desenvolver no discente uma visão de que, assim como sentimos prazer ao assistir um filme ou ouvir uma música, a leitura de textos literários, além de aprimorar nossa capacidade de pensar e resolver problemas, também pode nos causar essa mesma sensação. Isso acontece se o aluno é levado a perceber que o texto é como um “quebra-cabeça” que consiste na

organização das partes para a formação de um todo que possui um sentido lógico. Desse modo:

O aluno deveria ser persuadido, motivado a gostar de ler, atraído pelo texto literário, encarando a leitura literária como um jogo, nos termos de Iser (1999), em que o autor dita as regras de funcionamento do jogo por meio da tessitura textual e o leitor descobre como jogar, negociando sentidos, decifrando pistas, fazendo inferências, enfim, reconstruindo o jogo, antes dirigido pelo autor. (MARTINS, 2006, p. 97 -98)

É papel do professor, tentar resgatar no aluno o desejo em embrear nos textos literários, consciente da negociação de sentidos que está sujeito a manipular no ato da leitura. Só haverá leitores capacitados em nossas escolas, quando o aluno perceber que a compreensão do texto não depende apenas do texto ou de seu autor, mas da interação entre leitor, textos e autor. É o próprio leitor quem vai atribuir sentido ao texto, por meio dos conhecimentos de outras leituras bem como da consciência de que ler é como se fosse um jogo, como aponta Martins (2006), que nos dita regras e pistas para conseguirmos entendê-lo. E assim como um jogo pode ser desafiador, a leitura também possui esse caráter que pode ser instigante para o jovem leitor quando percebe isso.

Muitos jovens são apaixonados por jogos digitais, computadores, internet etc., porque eles os desafiam a pensar, lançando problemas que exige do indivíduo certo conhecimento que o ajude a resolvê-lo. Geralmente, esses mesmos jovens não gostam de se envolver com literatura, por pensarem que é chato e desestimulante, preferindo fazer outras atividades que os instiga a pensar ao mesmo tempo em que se divertem. Com certeza, esse é um aluno que não conhece o real sentido da literatura, não compreende uma obra literária como um grande “quebra-cabeça” que consiste em juntar as partes, mentalmente, para se formar um todo com sentido completo. Perde-se o gosto pela leitura, ao estudar na escola a literatura de modo tradicional, atentando apenas para a classificação de textos e autores.

A literatura não pode se reduzir apenas a uma lista de características de estilo e de obras e autores consagrados. É preciso que haja um vínculo entre autores e diversos gêneros, entre textos de diferentes épocas, para que se possam estabelecer múltiplas relações na construção de significados vários, ou seja, nos estudos de literatura o texto literário deve apresenta-se como espaço de construção de significados.

A falta de leituras prévias, de uma base sólida no ensino fundamental, faz com que, segundo Martins (2006, p.83), o aluno “encare a literatura como objeto artístico de difícil compreensão”, e isso se dá, como já expresso, pelo motivo da leitura literária não ser trabalhada corretamente ao longo da trajetória escolar do aluno.

Do aluno do ensino médio é exigido um repertório maior de leitura e conhecimentos literários e por isso, deve-se evitar um mero estudo mecanicista, muitas vezes desprovido de significado para o jovem, que se depara com uma sequência de conteúdos aleatórios e desconexos. Outro ponto fundamental é a inserção das teorias literárias em sala de aula, o que faria com que o aluno tivesse oportunidade de fala neste ambiente, mas essa teoria literária não pode estar desvinculada do contato profundo e constante com o texto literário.

O professor deveria confrontar o aluno com a diversidade de leituras do texto literário, para que o educando reconheça que o sentido não está no texto, mas é construído pelos leitores na interação com textos. É justamente a partir dessa interação do aluno com textos que o estudo da literatura se torna significativo. (MARTINS, 2006 p.85)

Quando o professor se porta nesta condição de mediador, num diálogo de caráter interacional na aula de literatura, percebe-se que se vai além de uma simples leitura do texto literário, e que de fato há a realização do chamado letramento literário, pois tal texto deixar de ser apenas um objeto de análise superficial, tratado de modo isolado, e passa a ter verdadeiro significado na vida do aluno.

Assim, o professor é responsável por construir uma ponte de informação a este respeito, entre o aluno e o texto. Segundo o PCN (2006) “o aluno deve ter meios para ampliar e articular conhecimentos e competências” (p.54), e a escola precisa criar um ambiente que proporcione estes meios, não sobrecarregando o aluno com informações de caráter secundário.

A partir do momento que a escola criar este ambiente, o aluno participará do chamado letramento literário, definido por Soares (2004, p.47) como “estado ou condição de quem não apenas sabe ler ou escrever, mas cultiva e exerce as práticas sociais que usam a escrita”, capacitando-o para compreensão crítica de si e da sociedade a que pertence por meio da leitura, compreensão e interpretação de textos literários.

4 EXPERIÊNCIA COM CORDEL NUM PROJETO INTERDISCIPLINAR

Atualmente, a literatura de cordel traz em seu contexto o desenhar de temas diversos e atualiza discursos/ideologias, proporcionando uma alternativa de renovação para a prática pedagógica em sala de aula.

Lucena (2011), em um artigo publicado na Revista Encontros de Vista, diz que “o cordel tem a possibilidade de ser usado como ferramenta pedagógica no sentido de desenvolver no aluno o exercício da reflexão, da criatividade e da criticidade”, fazendo-se

necessário, dessa forma, o aproveitamento das várias facetas do cordel dentro do ambiente escolar.

A partir dessas evidências, realizamos um trabalho em turmas de ensino fundamental e médio, com o objetivo de melhorar as habilidades de leitura e oralidade e, conseqüentemente, o rendimento dos alunos. Tal trabalho foi desenvolvido numa escola pública estadual da cidade de Soledade-PB, num período de aproximadamente três meses (um bimestre).

Nosso objetivo também era proporcionar à escola a inclusão dessa literatura em sala de aula para que se estabeleçam propostas para a difusão dessa arte literária, valorizando e motivando os alunos no processo de ensino aprendizagem. Nas oficinas de leitura, encontrávamos espaços valiosos para debates interativos sobre os temas presentes nos folhetos.

Após trabalharmos durante dois meses com folhetos de cordel, fomos convidados, pela escola onde desenvolvemos as atividades para compor parte de um projeto que ficou conhecido como *palmas para o semiárido*.

Dentro de um projeto maior, voltamos nosso olhar para a literatura de cordel, procurando despertar nos alunos o interesse e o gosto pela leitura não só de cordéis mais pela literatura em geral. Os alunos trabalharam com o tema “o semiárido nordestino e sua cultura”.

Para a realização das atividades, buscamos como ponto de partida a proposta estabelecida pelo PPP da Escola e pelas Diretrizes e Orientações Curriculares Nacionais, os quais se preocupam em propor o desenvolvimento de ações pedagógicas que venham a contribuir para redução da evasão e melhoria do rendimento escolar dos estudantes.

A metodologia que foi utilizada para o a realização do projeto desenvolveu-se inicialmente a partir de apresentações expositivas, através de *slides* sobre a importância da literatura de cordel para a nossa região. Realizamos oficinas de leitura, trabalhos artísticos, palestras, trabalhos em grupos, debates, exibição de documentário, de depoimentos, produção de cordéis, pesquisas bibliográficas cujo meio foram livros e internet, entre outros; de modo que a leitura foi colocada como instrumento de participação, mudança e renovação sociocultural.

O dia da apresentação do projeto foi um evento de letramento impar tanto para os alunos como para os professores. Montamos um cenário que desenhava cordialmente nossa região semiárida. Reservamos um local especial para pendurar os cordéis, como a memória da tradição dos folhetos de feira cobra sua representação, lembrança que ainda hoje se efetiva nas feiras livres (apego a memória cultural que sustenta esse suporte de discursos e identidades da região nordeste).



Montamos o cantinho da leitura, onde as pessoas podiam ler seus folhetos favoritos durante alguns minutos, num sofá com uma “coxa de fuxico”.



Colocamos artigos que retratavam a cultura da região (o gibão do vaqueiro, o pilão etc.) no cenário do que chamamos de Museu do semiárido. Além de cactos espalhados na sala para simbolizar a vegetação da caatinga.



A banca de cordéis era o espaço onde as pessoas tinham informações variadas sobre a literatura de cordel. Os alunos iam se revezando nas apresentações.



Finalmente, sinalizamos que foram mais de 1.000 visitas a nossa sala, durante a apresentação do projeto, e toda comunidade ficou maravilhada com o evento. Atualmente, é exigida do sujeito leitor/ produtor de textos mais criatividade e uma capacidade de interpretação não só de textos, mas de contextos, de interdisciplinaridades; e a linguagem cordelística se torna um meio fundamental para a constituição da identidade do aluno bem como para a construção de significados e conhecimentos gerais.

Desse modo, percebemos que o trabalho com cordéis desperta nos alunos a capacidade de observação da realidade social, histórica, política e econômica, principalmente na região Nordeste, pelo fato de ser esse o local do nosso país em que essa manifestação popular encontrou maior facilidade de propagação.

5 CONCLUSÃO

A ideia do nosso trabalho surgiu a partir da necessidade de estratégias que levassem os alunos a desenvolver práticas de letramento eficazes. A maioria não tinha o hábito de ler constantemente, só quando era solicitado por um professor. Ao compararmos o rendimento alcançado, depois de trabalharmos com os cordéis na turma em aulas de língua portuguesa de forma interdisciplinar, constatamos que todos os alunos obtiveram rendimento superior em relação ao bimestre anterior.

Estamos cientes da simplicidade do nosso trabalho, de outra forma sabemos que não podemos calcular o quanto de conhecimento aqui foi produzido. Temos a certeza de ter contribuído para a promoção do alunado, possibilitando a elevação de sua autoestima e de seu nível de aprendizagem. Sendo esta iniciativa uma possibilidade de investimento em eventos de letramento que a educação básica poderá agenciar em prol de um letramento escolar.

Trabalhar com o cordel em sala de aula contribui significativamente para a formação de leitores críticos e para ampliar seus conhecimentos sobre aspectos culturais, políticos,

sociais, diferenças regionais e aspectos da variação linguística. Constatamos também mudanças de comportamentos ao construir o conhecimento de forma prazerosa, interativa e criativa, evidenciando assim, a capacidade de realização e aumentando as experiências de vida dos alunos.

Por tanto, através do nosso trabalho, observamos que os nossos alunos são capazes de atuarem não somente como coadjuvantes no espaço escolar, mas de assumirem papéis de destaque num processo de letramento em que educadores acreditem nos seus educandos e se comprometem em propiciar uma educação de qualidade: inclusiva, participativa.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio**, volume 1. Brasília: Ministério da Educação, 2006.

CAMPOS, Renato Carneiros. **Ideologia dos poetas populares**. 2. Ed. Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais; FUNARTE, 1977.

COSSON, Rildo. Aula de leitura: o prazer sob controle?. In: **Letramento Literário: teoria e prática**. 1ª ed., 3ª reimp. São Paulo: Contexto, 2009. P.25-30.

MARTINS, Ivânda. A literatura no ensino médio: quais os desafios do professor?. In: **Português no ensino médio e formação do professor**. Org. KLEIMAN, Ângela B. São Paulo: Parábola editora, 2006.

KLEIMAN, Angela B. **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas: Mercado das letras, 1995.

PAULINO, Graça, COSSON, Rildo. **Letramento literário: para viver a literatura dentro e fora da escola**. In: ZILBERMAN, Regina; ROSING, Tânia M. K. (Orgs.). Escola e leitura: velha crise, novas alternativas. São Paulo: Global, 2009. p. 61-79.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: autêntica, 2006.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.